

Uma série de textos seleccionados de acordo com a temática de cada capítulo serve de introdução a cada um deles. E em vez dos habituais índices aparece um sumário ideológico do tema correspondente.

J. Dias PEREIRA

SAGRADA ESCRITURA

José María Casciaro RAMÍREZ, *Qumrán y el Nuevo Testamento. Aspectos eclesiológicos y soteriológicos*, «Teológica» 29, EUNSA, Pamplona 1982, 244 pp., 240×160, ISBN 84-313-1751-X.

Este livro reúne cinco trabalhos que o autor publicou, ao longo de sete anos, na revista «Scripta Theologica» da Faculdade de Teologia da Universidade de Navarra, desde o seu primeiro número em 1969.

Como o subtítulo indica, a obra concentra-se na análise dos aspectos eclesiológicos e soteriológicos nos escritos de Qumran. A metodologia seguida é minuciosa, consistente e precisa, partindo da análise e consideração do vocabulário para aceder ao mundo dos conceitos e ao ideário doutrinal de Qumran relativamente aos dois aspectos em causa.

Os estudos apresentados têm uma grande relevância a respeito do Novo Testamento. Em particular, confrontam-se Qumran e a *ekklesia* de Mateus (16,18) e o *mysterion* paulino e coloca-se a questão de qual vocábulo semítico (hebraico) teria derivado a *ekklesia* neo-testamentária.

As conclusões gerais a que o autor chega são interessantes no quadro das

polémicas sobre a relação do Novo Testamento com o Antigo Testamento e com o mundo helénico e da novidade cristã face ao ideário de Qumran:

— sublinha-se a índole de continuidade e, simultaneamente, de descontinuidade do Novo Testamento a respeito do judaísmo; «resulta paradoxal que, em linha de continuidade com o vocabulário e com os conceitos do Antigo Testamento e, até certo ponto, com o uso e interpretação que deles faz o judaísmo oficial de Jerusalém e o seu opositor de Qumran, o Novo Testamento dê a esses vocábulos e a esses conceitos um peso novo, cheio de vida, pujança e de originalidade; surpreende como se pode conjugar a continuidade com uma inimaginável descontinuidade».

— Uma segunda conclusão importante é o carácter não helénico do Cristianismo, tema muito polémico na história da exegese e do cristianismo sobretudo a respeito de Paulo. O autor mostra que se o Cristianismo tomou da língua grega um certo número de expressões transfigurou o seu significado e apresenta o caso dos dois vocábulos paradigmáticos e objecto central deste livro: *ekklesia* e *mysterion*. Os conceitos neo-testamentários expressos por estes vocábulos não partem do significado que tinham na língua grega mas traduzem vocábulos e conceitos semíticos. A *Ekklesia* neo-testamentária nada tem a ver com a *ekklesia* grega que era a «assembleia do *démos* (povo)» mas está numa linha de continuidade-descontinuidade com a *qahal*, a *'edáh*, a *sôd*, a *kenishtá* ... dos textos vétero-testamentários e qumránicos. Paralelamente o *mysterion* paulino tem raízes no Antigo Testamento e aproxima-se de concepções qumránicas nada devendo às religiões místicas gregas.

Uma outra conclusão a que o autor chega e relacionada com as anteriores é a de que o fenómeno religioso e histórico do Cristianismo não pode ser reduzido a uma evolução dos factores que nele podem ser detectados, sejam de índole religiosa, cultural ou social e psicológica. O confronto dos textos neo-testamentários com os de Qumran é altamente ilustrativo a este respeito dado que os manuscritos de Qumran representam uma interpretação muito interessante da religião vétero-testamentária realizada por uma elite do judaísmo palestinese numa época que precede Jesus e Lhe é contemporânea.

É patente a importância destes estudos como contributo à complexa e sempre aberta investigação das «fontes» do Novo Testamento e das influências culturais e religiosas que terá sofrido.

O rigor de apresentação e de análise é apreciável à excepção da falta de uniformidade na reprodução dos vocábulos hebraicos, umas vezes aparecem «vocalizados» e outras não. Tal poderá dever-se ao facto de um livro integrar artigos publicados em momentos diferentes, mas seria preferível que fossem sempre «vocalizados» para facilitar a compreensão dos menos versados na língua hebraica.

L. ESTEVES

Antonio Fuentes MENDIOLA, Qué dice la Biblia. Historia y mensaje de los Libros sagrados, EUNSA, Pamplona 1983, 358 pp., ISBN 84-313-0794-3.

Esta obra propõe-se ser um estímulo e um guia de leitura da Bíblia e é fruto de um longo período de docência e de

alguns trabalhos publicados anteriormente.

O autor declara que muitos católicos ignoram por completo a Sagrada Escritura, o seu conteúdo e a riqueza dos seus ensinamentos, porque o interesse e a vontade de ler a Bíblia, despertados em algum momento, esmorecem em pouco tempo ou por cansaço ou pela falta de «uma boa visão de conjunto da Bíblia, de cada um dos seus livros e do fio condutor que neles forma a trama da mensagem revelada». A esta situação pretende responder o livro.

«Breves e simples comentários» é a expressão usada pelo autor para definir a sua obra: breves, dada a amplitude da Bíblia e «com a intenção de não cansar o leitor»; simples, porque são dirigidos a um público que supõe não envolvido em dificuldades de tipo exegetico mas, pelo contrário, «interessado em saber o que Deus quis dizer na Bíblia, em cada um dos seus livros, dentro do seu marco temporal e geográfico».

O autor consegue realizar o objectivo a que se propõe, com os limites e os riscos nele implícitos: a simplicidade na apresentação dos livros não evita alguma superficialidade, ao prescindir de referências hoje consideradas essenciais mesmo em obras de divulgação; a brevidade, êxito difícil, obriga a estilizar excessivamente a exposição a ponto de quase nada se dizer sobre alguns livros.

Não obstante estes limites, quase inevitáveis num projecto deste género, deve reconhecer-se o enorme esforço e a justa preocupação que o autor revela.

A obra contém um útil apêndice constituído por um «vocabulário bíblico», uma «síntese da cronologia bíblica» em que se destaca, por excessiva precisão inadequada ao rigor dos